



## NA REMANDIOLA DA HISTÓRIA: “O IMPÉRIO DAS TIAS BAIANAS” E O SAMBA MODERNO

**Jéssica Cristina Alvaro de Oliveira, Fernanda Huguenin, Giovane do Nascimento**

Jeholiveira332@gmail.com, fernandahuguenin@outlook.com

giovanedonascimento@gmail.com

### RESUMO

Este trabalho tem por objetivo problematizar a agência de mulheres negras no Samba Urbano. Para cumprir com este objetivo retornaremos a Pequena África com o intuito de apresentar o “Império das Tias” e as relações ali constituídas a partir do protagonismo dessas mulheres. O protagonismo aqui suscitado articula postos hierárquicos no Candomblé do Rio de Janeiro e acesso ao mercado de trabalho, que as oportunizaram salvar o Samba em um período de forte repressão policial. Num segundo momento destacaremos a criação do Bloco Escola de Samba Deixa Falar e sua importância para a organização das escolas de samba do Rio de Janeiro. A sistematização formal do carnaval que se dará após a criação do Bloco proporcionará um novo momento à expressão cultural que deixa de ser perseguida, mas que tem suas “imperatrizes” sistematicamente afastadas dos postos de decisão. Sendo assim, a partir de revisão bibliográfica analisaremos alguns acontecimentos como a criação da primeira associação das escolas de Samba, bem como a proibição do improviso nas escolas de samba, questões importantes que vão fazer do carnaval, por exemplo, um espaço com uma predominância de decisões masculinas, atualmente. Contudo, não acreditamos que mulheres negras sejam passivas frente aos acontecimentos históricos, bem pelo contrário, acreditamos sim que seus poderes ainda, são decisivos no cotidiano das escolas de Samba.

Palavras-chave: Mulheres Negras, Samba, Protagonismo.

### UMA FAMÍLIA DE TANTAS TIAS

Quando falamos de mulheres negras, abarcamos um grupo heterogêneo. Ainda que este tópico aborde mulheres que ocupavam um espaço territorial específico, de um dado período histórico, suas trajetórias não são as mesmas, essas trajetórias são resultado das relações de gênero e de raças que somadas resultaram, por exemplo, na escassez de material sobre elas em relação à construção do Samba.



# IV CONGRESSO ÉTNICO RACIAL

## XI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E AÇÕES AFIRMATIVAS



Tia Sadata; Tia Bebiana; Tia Amélia do Aragão; Tia Perciliana Maria Costança; Tia Amélia Quindunde; Tia Cecília; Tia Gracinda; Tia Veridiana; Tia Josefa Rica; Tia Rosa Ole; Tia Mônica; Tia Jurema; Tia Maria do Adamastor; Tia Davina; Tia Tomásia; Tia Fé; Tia Dada; Tia Perpétua; Dona Esther Maria Rodrigues; Mãe Rita; Anastácia do Nino; Mãe Aninha; Maria Rezadeira (NOGUEIRA; THEODORO, n.p. 2007).

Esses são alguns dos nomes das tias que se tornaram grandes referências para a consolidação do Samba Urbano. Foram organizadoras das “grandes festas do samba” nas primeiras décadas do século XX, além de mães e avós dos mais importantes sambistas do meio do século, suas famas são relatadas por diversos autores como (Viana, 1995; Lopes, 2008; Gomes, 2015), entretanto nos faltam nomes corretos, imagens, falas e o devido crédito nas outras contribuições que deram ao samba, como a criação do prato e faca, pela Tia Prisciliana, ou o defensor do pavilhão da escola “mestre sala”, criado pela Tia Maria do Adamastor (NOGUEIRA; THEODORO, n.p. 2007).

O espaço territorial conhecido como “reduto dos negros”, e posteriormente como “A Pequena África”, termo criado por Heitor dos Prazeres, compreendia a região que se estendia da Praça Onze, passando pela estação ferroviária de Dom Pedro II e chegando até a Prainha, atual Praça Mauá (LOPES, 2008). Esse espaço profícuo para o fomento das mais distintas expressões culturais tinha sua organização a partir da lógica das práticas religiosas de matriz africana, o “Candomblé”. As hierarquias existentes na religião concediam às Yalorixás da casa de João Alabá de Omolu o papel de protagonistas, sendo elas mães espirituais e carnavais de sambistas, jongueiros, capoeiristas, dentre outros. Tal espaço é resultado da migração e fixação de pessoas negras na capital do Brasil, que neste momento é o Rio de Janeiro.

Nesta perspectiva, Monica Velloso (1990), relata que a vinda de pessoas negras para o Rio de Janeiro a partir do século XVIII está relacionada a fuga do status adquirido na Revolta dos *Malês*, ou motivadas pelas oportunidades de trabalho na capital, ou ainda pelo que o espaço do Centro do Rio significava para estas pessoas, ou seja, o reencontro com as suas origens, com a África, ainda que no Brasil. A autora nos chama atenção para a rede de comunicação construída por essas mulheres, pois, à medida que os homens negros não foram absorvidos pelo mercado de trabalho, no pós-abolição, elas se articulavam para que suas pares chegassem no Rio de Janeiro com possibilidade de emprego.

Cabe salientar que a chegada de baianas e baianos está relacionada diretamente a duas mulheres: Davina e Sadata. A primeira, é avó de Meninazinha de Oxum. A Yalorixá relata que a



chegada de sua família no Santo Cristo transforma a casa de sua avó em reduto dos baianos. A casa da Tia Davina passa a ser procurada na medida em que se torna espaço de integração para os recém-chegados. Já a segunda, nas décadas de 1920, moradora da Pedra do Sal e uma das fundadoras do Bloco das Sereias, colocava sua casa à disposição dos recém-chegados. Sua residência localizada no alto do morro servia para observação do tráfego marítimo da Bahia de Guanabara. Ao avistarem a bandeira de Oxalá nos navios que aportavam na Bahia, obtinham a confirmação da chegada de novos pares ao Rio de Janeiro, e a casa de Sadata tornou-se assim um espaço de acolhida e proteção destes, o que propiciou segundo Velloso (1990) a construção de vínculos e, posteriormente, foi se tornando um espaço de constituição de expressões culturais próprias.

Sadata e Davina são grandes exemplos da particularidade das relações na Pequena África: O protagonismo fundamental das mulheres negras para manutenção desse espaço que se dá na mesma proporção do apagamento dessas mulheres na história. Ao passo que se é inquestionável suas lideranças “no espaço”, pouco ou quase nada sabemos destas, para além do termo Tia que precede seus primeiros nomes, muitos destes nomes se quer são seus nomes de origem. São nomes pelos quais são reconhecidas pelo Centro do Rio.

Contudo, o termo “Tia” colocado nos livros como uma espécie de título conquistado por essas mulheres, assim como o de doutor - concedidos a médicos e advogados muito utilizados no século passado - não serviu apenas para situar a importância delas no período histórico, ou na formação das mais importantes expressões negras brasileiras, mas acabou homogeneizá-las e reduzi-las ao título, não importando, suas contribuições individuais, o que faziam, o que pensavam ou, mais importante, quem eram para além da denominação “tias”, restringindo essa pesquisa por falta de material.

### **A “HILARIA” FALTA DE INFORMAÇÕES**

Rodrigo Gomes (2009) em seu trabalho intitulado: “Samba no Feminino: Transformações nas relações de gênero no Samba Carioca nas três primeiras décadas do século XX”, chama atenção para o conjunto de informação existentes sobre Hilária Batista, a Tia Ciata, em detrimento das informações acerca das demais Tias. Entretanto, apesar da notoriedade que Tia Ciata obteve na construção do Samba Urbano, a historiografia se quer consegue concluir seu



# IV CONGRESSO ÉTNICO RACIAL

## XI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E AÇÕES AFIRMATIVAS



nome de registro ou apresentar fotografias oficiais, daquela que foi evidenciada pela mídia e pela história como a mais importante das Tias.

As relações fraternais construídas por mulheres negras na Pequena África são perpassadas por diversas contradições, como por exemplo, o fato de muitas tias baianas – como ficaram conhecidas – se quer tenham vindo da Bahia, Tia Maria da Conceição Cesar, ou Maria do Adamastor, por exemplo, era carioca de origem. Fundadora de todos os ranchos que se tornaram tradicionais na história do carnaval, consagrada nas rodas e na imprensa como “a rainha das diretoras dos ranchos”. Posteriormente se torna pastora do Reino de Silva em 1921. Outra tia que possui uma provável origem que não a baiana, é Tia Fé de possível origem mineira, a segunda, *Yalorixá* é uma das fundadoras do rancho carnavalesco Pérolas do Egito de 1910, um dos ranchos fundidos na criação da G.R.E.S Mangueira fundada no dia 28 de abril de 1928 (NOGUEIRA; THEODORO, n.p. 2007).

Mais do que doces deliciosos, manjares, bolos, cocadas que eram vendidos no tabuleiro da Tia Ciata, ou artigos Afro-brasileiros, vendidos na quitanda da Tia Percília, algo de muito mais precioso era negociado nos seus tabuleiros, a saber, a manutenção das grandes festas que elas realizaram onde o Samba não tinha hora para acabar. Essa negociação era importante, pois as casas e os terreiros de Candomblé no início do século XX era alvo corriqueiro da repressão policial. Ciata (*Seata*; outros, *Asseata* ou também *Assiata*) a mais reconhecida das Tias, fez talvez uma das maiores negociações ao que tange a não perseguição do Samba e das religiões de matrizes africanas: *Yalorixá* famosa, descrita por autores como filha da *Yabá Oxum*, curou o então presidente Venceslau Brás na década de 1910 de uma ferida crônica, tal cura propiciou a nomeação do marido da Tia ao posto do gabinete do chefe de polícia. Essa nomeação ao que possa parecer individualista promoveu para a comunidade da pequena África a diminuição efetiva das perseguições policiais (NOGUEIRA; THEODORO, n.p. 2007).

Os vínculos aqui apresentados, tem por objetivo descrever como as pessoas negras conviviam no início do século, sobretudo pois é possível analisar esta convivência a partir de uma cultura de consolação (GILROY, 2012) onde pessoas negras que passaram pelo trauma do período de escravidão e foram o destituídas de sua humanidade se organizaram de modo a consolidar o mínimo de harmonia e possibilidades. Nesse sentido, no que se refere à organização familiar destas pessoas, ultrapassa o limite da organização nuclear instituída pelos europeus e reproduzida pelos patriarcas brancos brasileiros. Sobre as mulheres negras, no pós-abolição, o peso de “chefe de família” na medida em que não possuem companheiros, ou que estes não são



## IV CONGRESSO ÉTNICO RACIAL

### XI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E AÇÕES AFIRMATIVAS



absorvidos pelo mercado de trabalho, faz com que essas expandam os laços familiares, construindo assim a “grande família”. Para Velloso (1990):

Acontece que esse estreito convívio entre as pessoas acabou ampliando a família nuclear, dando surgimento à “grande família”. A autoridade deixou de ser exclusivamente centrada na figura dos pais, entrando em ação outros elementos que, na maioria das vezes, não faziam parte da família consangüínea. Era comum que essas figuras normalmente femininas - acabassem tendo certa ascendência sobre a criança às vezes maior do que a dos próprios pais. O papel marcante das avós, tias e madrinhas na história de vida dessas crianças é fato conhecido. Suprindo carências e afetos, abrindo novos canais de socialidade e comunicação, elas eram alvo do respeito, admiração, carinho e prestígio. As “tias” certamente são o exemplo mais concreto desse tipo de socialidade, típico das camadas populares. O parentesco adquire diferentes significados e possibilidades em função do contexto social. Assim, não se pode pensar a família como fato universal e natural (Velho, 1981), mas como sistema organizador de idéias e valores (VELLOSO, p. 34, 1990).

Essa grande família mais do que composta por avós, mães, tias e madrinhas, foram compostas de muitos filhos e filhas que seguiram a tradição das religiões de matrizes africanas e do Samba. As Tias tiveram muitos filhos, dizem que tia Ciata, por exemplo teve 15 filhos, “dentre os quais Glicéria, Sinhá Velha que se casou com mestre sala e líder rancheiro Germano; Noêmia; Mariquita, muito animada e tocadora de pandeiro; Pequena; Macário; Caboclo que também estudou medicina, a exemplo do pai. Fatumã era porta- bandeira do Rosa Branca, e Caletu, pastora do Rei de Ouro.” (NOGUEIRA; THEODORO,

n.p. 2007) Tia Bebiana teve 21 filhos e criou mais 8. Como revela Tia Carmem da Ximbica. Vale ainda ressaltar duas Tias responsáveis para a formação do Samba, Amélia Silvana de Araújo, ou, Tia Amélia, moradora da Cidade Nova, responsável por grandes festas e reuniões de Samba, ainda que não se soubessem quantos filhos teve, seu filho Donga foi um dos compositores do primeiro Samba gravado ainda em LP<sup>10</sup> pelo Telefone em 1917.

Perciliana de Santo Amaro, ou Tia Perciliana, neta de escravizados beneficiados pela lei do ventre livre, foi mãe de 12 filhos, dentre eles João da Baiana, sambista reconhecido pela batida característica do pandeiro que o diferenciava de outros músicos. Porém, foi nas mãos de Tia Perciliana, sua mãe que o instrumento foi inserido no samba em 1889. A Tia também introduziu o prato e faca no samba, o ato de raspar a faca no prato foi visto por muitos como um instrumento de ritmo inusitado (NOGUEIRA; THEODORO, n.p, 2007).

Contudo, neste primeiro momento podemos perceber que o espaço onde o Samba Urbano fora criado era centrado em elos que se distanciavam dos estabelecidos hegemonicamente. O Império das Tias (SODRÉ, 1998) é narrado como profícuo para o



# IV CONGRESSO ÉTNICO RACIAL

## XI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E AÇÕES AFIRMATIVAS



desenvolvimento de expressões culturais num momento de perseguição de sujeitos negros e negras pelo Estado. A lei de criminalização da vadiagem e dos capoeiras ou ainda do curanderismo, se mostram insuficientes para coibir a generosidade presente naquele lugar em que cada expressão cultural, ocupava um comodo da casa de alguma Tia. Como relembra Gleyce, bisneta de Tia Ciata:

O foco central era a casa da Tia Ciata, onde era a capital da pequena África, ela foi considerada assim pela reunião de pessoas era muita gente que às vezes nem cabia na casa dela, né, tanto que a capoeira ficava do lado de fora, a parte do batuque também ficava atrás, e dentro mesmo ficava o pessoal do choro, e ficava cantando também o samba maxixado, o sambo do partido alto e quando a policia chegava porque tinha repressão, né, o que acontecia, eles tinham que mudar o ritmo, eles mudavam o ritmo e eles falavam bem assim: não aqui a gente tá tocando é choro, então o chorinho não era proibido, então juntava junto com o Pichinguiha o Donga (MEMÓRIAS, 2015).

Como podemos perceber: Yalorixás, sambistas, mães, trabalhadoras, “chefes de família”, madrinhas, Tias e tantos outros adjetivos que essas mulheres carregaram no inicio do século, foram insuficientes para a preservação digna da memória coletiva sobre suas existências. Este trabalho além de buscar resgatar um pouco de informação das tão famosas Tias baianas, quer a seguir tentar apontar possíveis motivos pelas quais tenhamos tão poucas informações sobre elas. Pois, desde o inicio do século XX até os dias atuais sabemos que os sambistas deixaram de ser perseguidos e que o Samba ganha projeção nacional então narraremos alguns desses processos iniciando a partir da criação do Bloco Escola de Samba Deixa Falar.

### **SOBRE A PERSEGUIÇÃO? SÓ OUVIMOS FALAR.**

Nas primeiras décadas do século XX a perseguição aos adeptos das religiões de matrizes africanas e aos moradores de favelas era intensa. As políticas de urbanização deste período e as ameaças de desapropriação de terras como as da Mangueira e Salgueiro, ocupadas por imigrantes de origem africana e afro-brasileira, recém-chegados do Vale do Paraíba e de Minas Gerais e Bahia, amedrontava essas pessoas que tinham o Samba e a religião, enquanto modo de vida (FERNANDES, 2001).

O início do século XX é marcado também pela criação da primeira escola de samba: o Bloco Escola de Samba Deixa Falar, de autoria de Ismael Silva e seus amigos, um espaço de



# IV CONGRESSO ÉTNICO RACIAL

## XI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E AÇÕES AFIRMATIVAS



acolhimento contra a repressão policial, que neste momento era brutal ao enquadrar sambistas no crime de Vadiagem do Código Penal vigente desde 1880.

O B.E.S Deixa Falar é criado em 1928, e entender sua formação é muito importante, pois, sua modificação no samba se torna posteriormente o verdadeiro samba (VIANA, 1995). Esse acontecimento muito tem a ver com um debate central para as relações raciais brasileiras, visto que parte da tentativa de construir o orgulho de uma sociedade cuja miscigenação inicialmente demonizada nos debates científicos, se torna o diferencial para um país bem sucedido, posteriormente. A busca dos elementos nacionais encontra neste novo sotaque de samba a tradição perfeita, visto que, a brasilidade era sua marca principal. Além de não ser considerado propriedade de algum grupo étnico ou classe social, se torna o denominador musical entre vários grupos, facilitando sua ascensão (VIANA, 1995). No final do século XIX, diversos intelectuais viam a mestiçagem como o grande problema da sociedade brasileira, responsabilizada pelo atraso do país quando comparado a Europa. A desvantagem diante do mundo se dava justamente pela contaminação da identidade brasileira pela doença, que só seria curada pela descoberta identitária para que pudesse ser curada, ou seja, descobrindo a verdadeira identidade nacional, seria possível sanar os problemas decorrentes do atraso brasileiro. E foi Gilberto Freyre (1933) que sana teoricamente tais questões, trazendo caráter positivo à figura do mestiço e da mestiça, tão condenada pelos

intelectuais da virada do século XIX (VIANA, 1995).

A miscigenação, questão apresentada aqui, encontra na figura do mestiço e da mestiça a autentica brasilidade, tão suscitada por Gilberto Freyre em seu famoso livro Casa Grande & Senzala (1933). Desse modo, o brasileiro e a brasileira passaram a ser definida como a combinação, mais ou menos harmoniosa, mais ou menos conflituosa, de traços africanos, indígenas e portugueses, de casa-grande e senzala, de sobrados e mucambos (FREYRE, 1981).

A vida nos trópicos percebida como uma desvantagem, até então, passa a ser valorizada assim como a mistura étnica e cultural, a partir do luso-tropicalismo de Gilberto Freyre. Essa valorização do que advém da “mistura” étnica, está relacionada à “unidade da pátria”. A partir dessa nova identidade mestiça que o Brasil passa a assumir no período da ditadura do Estado Novo - mascarando o racismo estrutural, institucional e religioso, bem como o estupro colonial, decorrente das violentas relações raciais – manifesta-se nas expressões



# IV CONGRESSO ÉTNICO RACIAL

## XI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E AÇÕES AFIRMATIVAS



culturais objetivando encontrar o que não é de uma etnia e sim comum a todas, no mesmo período que o Samba alça o fim de sua marginalidade.

A criação do Bloco Escola de Samba Deixa Falar se torna referência ao criar uma orquestra que privilegia instrumentos percussivos, proporcionando inovação rítmica e coreográfica aos blocos e ranchos carnavalescos (FERNANDES, 2001). Em 1932 a adesão ao mais recente modelo de cortejo que possibilitava mobilidade aos membros, já era tanta que houve o primeiro concurso de Escolas de Samba em parceria de lideranças dos blocos carnavalescos com o jornal Mundo Esportivo. Nesse ano dezenove escolas competiram, além de ser um marco para sambistas, é também neste ano que mulheres por meio de um decreto, adquirem o direito ao voto.

Gradativamente algumas questões se tornam decisivas na vida das mulheres negras sambistas. O advento da primeira escola de samba e as competições carnavalescas são fundamentais para um processo gradativo de substituição do protagonismo daquele que não depende mais do quintal das Tias para acontecer, pois além das ruas, conquista o gosto nacional. Passa a ter acordos com patrocinadores e um deles, é o próprio Estado, a partir das subvenções concedidas às grandes sociedades, aos ranchos, blocos e as escolas de Samba, no ano de 1932 (Viana, 1995).

Em 1934 Organiza-se a primeira União das Escolas de Samba (UES) e a composição da direção tem a seguinte composição:

Flávio de Paula Costa, presidente (da União da Floresta e, logo depois, da Deixa Malhar); vice-presidente, Saturnino Gonçalves (da Estação Primeira); primeiro-secretário, Getúlio Marinho da Silva, o Getúlio “Amor” (da Fale Quem Quiser); segundo-secretário, Jorge de Oliveira (da Depois Eu Te Explico); primeiro procurador, Reinaldo Barbosa (da Deixa Falar); segundo- procurador, Pedro Barcelos (da Príncipe da Floresta); primeiro-tesoureiro, Paulo da Portela; segundo-tesoureiro, José Belisário (da Prazer da Serrinha) (FERNANDES, p.86, 2001).

A partir da direção da UES é possível observar, que a alteração do protagonismo no samba acontece paralelamente com a sua consolidação. A partir deste quadro podemos perceber que o protagonismo das mulheres negras não acompanha a formalização do Samba o que as mantém na informalidade tais quais os ofícios que elas exercem.

Nos anos que sucedem a criação da associação é possível observar a confirmação deste fato. A apresentação de Carmem Miranda em Nova York (1939), (TINHORÃO, 2015), a proibição dos versos improvisados 1946, a ascensão do Samba Canção (déc de 1950), (IPHAN, 2007), e tantos outros fatos que representam tanto o confinamento das Tias e suas sucessoras a





determinados ofícios, como possibilidades de prestígio e status dentro das escolas, como a criação da ala das assistidas (déc de 1950), (CORRÊA, 1996).

Mariza Correia (1996) na tentativa de refletir acerca das relações possíveis no universo das classificações entre raça e gênero, relaciona a invenção da mulata à construção do sujeito “enquanto objeto de discursos médicos literários e carnavalescos”. Nesse sentido, essas mulheres após as novas narrativas sobre miscigenação, passam a ocupar o papel do desejo, uma figura mítica, puro corpo, ou sexo.

Assim como o samba, estas mulheres tornam-se símbolos nacionais, principalmente a partir de seus corpos dotados de sexo não engendrado socialmente. A partir da Globeleza e a tecnologia utilizada para representá-la que funciona como uma espécie de corporificação dos atributos mais antigos atribuídos às mulheres negras. A representação moderna dessas mulheres, como uma espécie de mulata estilizada, abstrata, ou imaginada, resume ou sintetiza todas as suas antepassadas (CORREIA, p.40, 1990).

## CONCLUSÃO

Como se trata de uma pesquisa em andamento todas as conclusões são preliminares. Algumas questões que aqui foram evidenciadas como a organização dos sambistas a partir da criação da primeira escola de Samba, a projeção internacional do Samba a partir da figura da Carmem Miranda, a invenção da Passista possuem relação direta com o afastamento das mulheres negras das decisões do Samba. A criação do Samba Canção é também um ponto que não passa despercebida da história do Samba, pois data a inserção de mulheres no meio da expressão cultural. Mas de quais mulheres estamos falando?

O que mais chama atenção é a substituição das figuras que decidem o Samba, e esta substituição não pode ser desvinculada da aceitação e formalização da expressão cultural. Visto que as Tias baianas “imperaram” brilhantemente no Samba enquanto produção coletiva longe dos holofotes. Algumas direções apontam também para a invenção do sambista enquanto músico pela indústria fonográfica como fundamental para a individualização das relações que outrora se davam no ceio familiar.

Sendo assim, não pretendemos evidenciar a figura da mulher negra numa relação de passividade no mundo, não queremos de nenhuma maneira evidenciar que estas não possuem algum tipo de poder na expressão cultural que ajudaram a consolidar. Entretanto o que



# IV CONGRESSO ÉTNICO RACIAL

## XI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E AÇÕES AFIRMATIVAS



pretendemos mostrar é que de alguma maneira o poder das mulheres negras não acompanhou a formalização do Samba. O papel de Tia, por exemplo, hoje vemos folclorizados a partir das fantasias das baianas. A agência delas se tornaram aparentemente cada vez mais limitadas com os processos que fizeram a expressão se tornar cada vez mais reconhecida e nesse sentido, este trabalho se faz importante, pois apresentamos um momento em que mulheres negras apresentavam em suas ações a contra-hegemonia, visto que numa sociedade patriarcal, uma expressão cultural era decidida por mulheres, e sobretudo: mulheres negras.



# IV CONGRESSO ÉTNICO RACIAL

## XI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E AÇÕES AFIRMATIVAS



### REFERÊNCIAS

CORRÊA, M. **Sobre a invenção da mulata**. Cadernos Pagu, 1996 (35-50).

FERNANDES, Nelson. *Escolas de Samba: Sujeitos celebrantes objetos celebrados*, Rio de Janeiro: Memória Carioca, vol. 3, 2001.

GOMES, R. **Samba no Feminino: Transformações nas relações de gênero no Samba Carioca nas três primeiras décadas do século XX**. UDESC, 2015.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro*. São Paulo: Ed. 34 Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes - CEEA, 2001.

LOPES, N. **Partido-alto Samba de Bamba**. Rio de Janeiro: Pallas, 2008. MUNIZ, Sodré. *Samba Dono do Corpo*. Rio de Janeiro: MAUAD, 1998.

TINHORÃO, J. R. **O samba agora vai... A farsa da musica popular no Exterior**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2015.

VELLOSO, M. **As Tias Baianas Tomam Conta Do Pedaco Espaço e Identidade Cultural No Rio De Janeiro**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 3, n. 6, 1990, p.207-228.

VIANNA, Hermano. *O Mistério do SAMBA*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

### DOCUMENTOS

A Força Feminina do Samba, Rio de Janeiro: Central Cultural Cartola, 2007. Idealização: Nilcemar Nogueira e Helena Theodoro. Coordenação e Edição: Nilcemar Nogueira, José de La Penã Neto e Gisele Macedo. Realização: Centro Cultural Cartola, 2007.

### VÍDEO

*A Memória da Pequena África*. Rio de Janeiro: Ceap, 2015. P&B. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=e3opnjse0Tk&t=413s>>. Acesso em: 23 nov. 2018.